

A ética amorosa presente nos princípios da Prática Exploratória: o amor como ação em nossa sala de inglês e em uma carta-emocionada

Palmyra Baroni Nunes
SME-RJ/ PUC-Rio

Resumo: O objetivo do presente artigo é tecer entendimentos sobre a ética amorosa (hooks, 2021) presente nos princípios da Prática Exploratória (Miller et al., 2008; Allwright; Hanks, 2009). Para isso, discorro sobre a cococriação da minha sala de inglês, local em que meus alunos, minhas alunas e eu tecemos nossas vidas diárias, colocando em prática os princípios da Prática Exploratória, e faço uma análise, à luz da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday; Mathiessen, 2014), com foco no Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), de uma carta-emocionada, escrita por um visitante do 24º Evento Anual da Prática Exploratória, em que suas emoções são descritas ao escrever que a Prática Exploratória é “*Descoberta e inspiração*”. Falo do amor como prática (Lanas; Zembylas, 2014) vivido com responsabilidade e compromisso com o outro. O artigo aponta para entendimentos momentâneos e futuros de que o amor faça parte de práticas cotidianas das salas de aula.

Palavras-chave: Prática Exploratória. Ética Amorosa. Amor como prática.

Abstract: The objective of this article is to develop understandings of love ethics (hooks, 2021) present in the Exploratory Practice principles (Miller et al., 2008; Allwright; Hanks, 2009). To this end, I discuss the co-creation of my English classroom. In this place, my students and I weave our daily lives, putting into practice the principles of Exploratory Practice. I analyze, in the light of Systemic-Linguistic Functional (Halliday; Mathiessen, 2014), focusing on the Appraisal System (Martin; White, 2005) an emotional letter, written by a visitor of the 24th Annual Exploratory Practice Event, in which his emotions are described as he writes that Exploratory Practice is “*Discovery and inspiration*”. I speak of love as a practice (Lanas; Zembylas, 2014) lived with responsibility and commitment to others. The article points to momentary and future understandings that love is part of everyday classroom practices.

Keywords: Exploratory Practice. Loving Ethics. Love as praxis.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NASCEM OS PRINCÍPIOS DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA

Como praticante da Prática Exploratória, pesquiso as minhas próprias vivências (Moura, 2018) no contexto da sala de aula em que atuo. Da minha experiência no ambiente escolar, nasceu a vontade de relatar as belezas, as emoções, o encantamento, as agruras e os momentos de epifania que vivo e que são fruto do fazer exploratório, que é parte integrante do que meus alunos, minhas alunas e eu cocriamos, compartilhamos e vivemos em nosso cotidiano escolar, de maneira inclusiva e solidária. Gosto de imaginar que os fazeres tecidos formam uma grande e aconchegante colcha de retalhos, com a qual nos envolvemos e somos envolvidos o tempo todo.

Ao longo do texto, trago imagens do meu cotidiano, em que seus praticantes exploratórios, os estudantes e eu, se desenvolvem em um ambiente grávido de emoções, que é a nossa sala de inglês¹. Percebo que as emoções estão presentes e fazem parte do ambiente, pois, com a Prática Exploratória, a vida não deixa de ser vivida quando a aula de inglês começa, pelo contrário, a partir de questionamentos genuínos e de desejos individuais e coletivos, é que nossos fazeres são coconstruídos.

Aviso aos leitores que, neste texto, relato algumas histórias de *ensinagem* e de aprendizagem que experiencio com meus alunos e minhas alunas e que fazem parte do fazer exploratório que nos inspira diariamente e que tem extrapolado as paredes da nossa sala e contagiado outros colegas de trabalho. Essas histórias ecoam as potencialidades do meu cotidiano, em que sou uma professora de inglês do Ensino Fundamental I, da rede municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro, que se permite narrar as epifanias e as idiossincrasias do seu contexto de atuação, na tentativa de romper com a ideia de que no cotidiano de escolas públicas não há nada de bom, sendo, muitas vezes, considerado o lugar do não-saber, da ausência de reflexão de seus participantes (Garcia; Oliveira, 2015).

Investigo as práticas pedagógicas da minha sala de aula, com base na Prática Exploratória (Miller et al., 2008; Allwright; Hanks, 2009), uma forma de Pesquisa do Praticante que busca entendimentos tecidos sobre a vida que é vivida por seus atores principais, professores e alunos. Uma das maneiras de definir a Prática Exploratória, de acordo com Allwright (2008), é dizer que ela promove o desenvolvimento de entendimentos por professores e por alunos em seu ambiente educacional, enquanto vivem a sua vida de ensinar e de aprender.

¹ Na escola em que trabalho, tenho uma sala de inglês, em que meus alunos do primeiro ao sexto ano têm aula semanalmente. O espaço da sala de aula é coconstruído por mim e por meus alunos e por minhas alunas.

Assim sendo, é comum desabrocharem, entre os participantes exploratórios, sentimentos de união, de confiança e de apoio mútuo, pois suas vidas são acolhidas em um ambiente em que, para que os entendimentos sejam entretecidos, há que se ter a prática constante de diálogo, em que todas as vozes sejam ouvidas.

Por causa disso, é comum surgir entre os praticantes exploratórios o desejo genuíno de expressarem o que sentem em seus ambientes, pois são parte dele. A manifestação desse desejo pode ser feita por meio de conversas, ou por registros escritos. Logo, os sentimentos dos meus alunos e das minhas alunas são compartilhados de diversas formas em nossa sala de inglês, já que buscamos acolher as emoções que nascem e se transformam neste ambiente. Sendo assim, os estudantes têm por hábito, propor a criação de atividades, como a elaboração de murais em que escrevem suas emoções.

Como resultado, apresento a imagem de um dos murais organizado por estudantes do sexto ano, que decidiram evidenciar o que sentiam durante nossas aulas. Eles escreveram palavras em inglês e em português, destacando os afetos tecidos em nosso cotidiano. O resultado é um trabalho colaborativo em que ninguém fica de fora.



Imagem 1- Mural elaborado pela turma 1601, com as palavras: harmonia, love (amor), gratitude (gratidão), compassion (compaixão), peace (paz), friendship (amizade), paz e respeito.

No entanto, de acordo com Griffó, “a Prática Exploratória não é um método de pesquisa, mas sim uma postura pedagógica” (2019, p. 15). Diante disso, os próprios praticantes, integrantes do Grupo da Prática Exploratória, desenvolveram, conjuntamente, princípios que

configuram essa postura e que são seus “elementos balizadores” (Miller et al., 2008, p. 153), inspirados por práticas pedagógicas, da seguinte forma:

Colocar a qualidade de vida em primeiro lugar.
Trabalhar para entender a vida na sala de aula.
Envolver todos neste trabalho.
Trabalhar para a união de todos.
A fim de evitar que o trabalho esgote seus participantes, integrar este trabalho para o entendimento com as práticas da sala de aula e de outros ambientes profissionais.
Fazer com que o trabalho seja contínuo e não uma atividade dentro de um projeto. (Grupo da Prática Exploratória, 2020, p. 8)

Conforme os princípios da Prática Exploratória, quando trabalho para a união de todos, me desenvolvo junto com os estudantes, pois sou também uma aprendiz. Percebendo o quão inclusivos são esses princípios, posso vislumbrar como são importantes as ações contidas nas palavras priorizar, trabalhar, envolver, integrar, na busca e na construção de entendimentos que não são só meus, mas de todos, em um compromisso que ultrapassa o aspecto cognitivo e que atinge os aspectos sociais e afetivos do ambiente escolar.

Com a crença de que o programa a ser seguido é mais importante do que a vida que acontece em sala de aula, professores e professoras são pressionados/as a desenvolver atividades pedagógicas que contribuam para o cumprimento do programa proposto. Por vezes, para este fim, há que se ter um controle excessivo das emoções. Alinho-me a Boler (1999), quando ela afirma que as emoções são ignoradas ou disciplinadas no ambiente educacional. Em contrapartida, com a Prática Exploratória, os questionamentos do que acontece no dia a dia, as curiosidades de alunos e de professores acerca de suas vivências não são deixadas à deriva (Grupo da Prática Exploratória, 2020). Como a qualidade das vidas é colocada em primeiro lugar, as perguntas que surgem são transformadas em questões instigantes, ou *puzzles* e buscar entendimentos sobre elas faz parte do fazer exploratório, que integra o trabalho para entender com as atividades da sala de aula, ampliando as vozes dos praticantes.

As questões instigantes nascem daquilo que professores e alunos vivenciam e querem investigar para entender. Para representar os questionamentos e ouvir todas as vozes, na Prática Exploratória, alunos e professores constroem pôsteres exploratórios para buscar entendimentos sobre suas questões. Os pôsteres envolvem os participantes no trabalho para entender, já que são construídos a partir da união de todos, “com muita colagem, desenho, trechos digitados, papéis coloridos, dando asas à criatividade” (Grupo da Prática Exploratória, 2020, p. 10). Minhas alunas, meus alunos e eu, temos a construção de pôsteres como uma forma de ação, não

para mudar ou para buscar soluções imediatas, mas para entender o que acontece em nosso dia a dia, fazendo com que o trabalho seja contínuo, e não apenas um projeto que tem data para acabar e uma culminância que indica o término da atividade.

Faço coro com Rodrigues (2010, p. 49), quando ela afirma que “a Prática Exploratória é um caminho possível a seguir, quando se pretende uma vivência afetiva”. Sendo assim, acredito que os princípios da Prática Exploratória estão povoados do que bell hooks chama de ética amorosa, em que o amor não está dado, mas vai sendo construído por meio de uma ética que envolve “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” (hooks, 2021, p. 130), em que precisamos estar conscientes de nossa responsabilidade em “demonstrar respeito e manifestar disposição para aprender” (hooks, 2021, p. 130).

O presente texto tem por objetivo discutir como a ética amorosa, descrita por bell hooks, se faz presente nos princípios da Prática Exploratória e como essa ética traz outros elementos que reforçam que as emoções fazem parte de quem vivencia a Prática Exploratória. Para isso, organizo o trabalho em quatro partes. Após as considerações iniciais, discuto, na segunda seção, como os estudantes e eu vivemos os princípios da Prática Exploratória no espaço da sala de inglês que coconstruímos. Na terceira seção, à luz da Linguística Sistêmico-Funcional, analiso as construções discursivas de uma carta-emocionada, escrita pelo coordenador pedagógico da escola municipal em que trabalho, sobre sua participação no 24º Encontro Anual de Prática Exploratória². Por fim, teço breves entendimentos, momentâneos e futuros, sobre como os princípios da Prática Exploratória contribuem para a valorização de um “trabalho com vistas ao bem coletivo e não à competitividade” (Leal, 2022, p. 9), com o propósito de colocar a prática do amor como ação.

A SALA DE INGLÊS E O COMPROMETIMENTO COM A DOCÊNCIA AMOROSA PRESENTE NOS PRINCÍPIOS DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA

A recente pandemia de COVID-19 assolou o mundo inteiro e afastou professores e alunos do ambiente físico da escola, reconfigurando laços afetivos, cognitivos e pedagógicos. Durante quase dois anos, meus alunos, minhas alunas e eu nos encontrávamos virtualmente de forma muito precária, pois nem todos tinham acesso a ferramentas tecnológicas necessárias para interações virtuais, que aconteciam na época da pandemia. Por essa razão, com o retorno presencial obrigatório, senti a necessidade de (re)criar os laços afetivos, cognitivos e

²O evento reúne professores e alunos de instituições públicas e privadas, que participam de apresentação de pôsteres, oficinas, rodas de conversa, ministradas, principalmente, por alunos e alunas de diversos níveis de escolaridade.

pedagógicos, recebendo as alunas e os alunos de volta ao ambiente escolar da melhor maneira possível.

Ocupamos uma sala sem uso na escola, para coconstruirmos um espaço específico para que as aulas de inglês pudessem acontecer. Assim, estaríamos habitando o nosso lugar e não o lugar do outro, uma vez que, no contexto em que atuo, o mais comum é que as minhas aulas sejam na mesma sala em que as turmas ficam diariamente, com o professor ou a professora generalista.

Já que, segundo bell hooks (2021), a ética amorosa é a escolha de se conectar com o outro, comprometendo-se com ele, cuidando dele e respeitando-o eticamente, percebo que, quando encontrei uma brecha para coconstruir uma sala com minhas turmas, estava escolhendo vivenciar essa ética amorosa, em que a disponibilidade em aprender e a vontade de cooperar são valorizadas dentro do espaço pedagógico. Com o passar do tempo, entendi que minha postura de professora-praticante-exploratória era fruto dessa ética, em que o amor é ação (hooks, 2021) e está presente como uma potência capaz de transformar todas as esferas da vida, incluindo meu local de trabalho. A criação da sala de inglês, pode se traduzir em um ato de compromisso, de afeição, de cuidado, de respeito, de confiança e de responsabilidade com meus alunos, minhas alunas e comigo mesma.

Nossa sala é um espaço de fortalecimento de laços e de criação de oportunidades de pertencimento e de aprendizagens em que construímos, coletivamente, fazeres, saberes e sentires. Meus alunos e minhas alunas, ao elaborarem pôsteres exploratórios, indagando a qualidade de suas relações afetivas, por meio de perguntas instigantes, buscam entendimentos sobre a qualidade da vida que vivem em nosso dia a dia. O resultado dessa prática é a construção coletiva de uma comunidade amorosa, em que os princípios da Prática Exploratória estão presentes, pois todos os participantes são envolvidos na busca para entender a vida, em um trabalho onde a união é fortalecida.

Nessa comunidade amorosa, vivenciamos, nos princípios da Prática Exploratória, emoções que modelam as interações na sala de inglês (Boler, 1999, p. xii), contribuindo para que a sala se transforme, tanto em um espaço flexível e criativo de resistência, quanto em um espaço político, já que estimula nos estudantes o compromisso com a coletividade, construída por muitas mãos e por muitas vozes, “em que a amplitude e a exploração emocional não são prescritivas” (Boler, 1999, p. 4). De acordo com Lana e Zembylas (2014, p. 38), nossas “emoções são, até certo ponto, produtos de nossas experiências anteriores, influenciadas por contextos sociais, históricos e culturais”. Sendo assim, o que experienciamos na sala de inglês

são emoções que nos mantém unidos, pois temos por princípios nos desenvolver mutuamente, assumindo a responsabilidade por nutrirmos “o cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento em nosso cotidiano” (hooks, 2021, p. 16).

O caráter político, de mudança de postura e de resistência, crítico e dialógico, presente na sala de inglês, valoriza e acolhe as diferentes emoções dos que compartilham esse espaço, e é destacado, essencialmente, por meio de Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório (APPE). As APPE são atividades criativas que visam a integrar o trabalho para o entendimento com as práticas cotidianas. De acordo com Barreto et al. (2019, p. 53), as APPE são “qualquer ação discursiva para entender, na qual membros de uma comunidade de prática se posicionam como pesquisadores-praticantes”. Além disso, as APPE fazem parte do cotidiano e podem ser levemente adaptadas, para buscar entendimentos sobre o que acontece no dia a dia de professores e de alunos.

A preocupação e o compromisso com a qualidade das vidas de alunos e de professores impulsionam o desejo de criar, de recriar e de estreitar laços afetivos no cotidiano das aulas de inglês. Por isso, considero “ensinar um empreendimento profundamente ético, com objetivos e efeitos que exigem um escrutínio contínuo” (Boler, 1999, p. xv) e curiosidade permanente. Então, para buscar entendimentos sobre as emoções dos alunos e das alunas, de maneira criativa e de forma integrada às atividades do dia a dia, a fim de compreender o que acontece em nosso ambiente, é que várias APPE são criadas. Dentre elas, apresento duas APPE e como elas ressignificam a maneira de pensar e de viver a aula, para que o trabalho seja contínuo e não termine, ou seja motivado apenas por um projeto, muitas vezes, distante da realidade e das idiossincrasias do que coconstruímos na sala de inglês.

Assumindo uma postura pedagógica-exploratória, me permito, com a criação de APPE, vivenciar um dos princípios da Prática Exploratória, que é o de promover a integração do trabalho para o entendimento com as práticas da sala de aula. Assim, fui inspirada a perguntar aos alunos de uma turma do sexto ano se recomendariam ou não as aulas de inglês para as outras turmas da escola. Em um ambiente exploratório-sustentável, além de estar, verdadeiramente, interessada em saber as opiniões dos estudantes, procurei integrar o assunto que eles estavam aprendendo nas aulas - o uso do tempo presente para fazer perguntas em inglês- com a minha curiosidade sobre se eles recomendariam ou não as aulas e o que eles pensavam sobre o que estávamos fazendo até o momento, por meio da pergunta, “*Do you recommend the English*

class?”³. Essa APPE permitiu que pudéssemos conhecer as emoções uns dos outros, já que as respostas ficaram expostas, como mostra a imagem a seguir.



Imagem 2 Pôster com as respostas para a pergunta: "*Dou you recommend the English class?*"

Em uma das respostas, uma aluna escreveu que não recomendaria a aula porque a considerava chata ("*I don't recommend the English class because it is boring*"). No entanto, apesar de expressar explicitamente seu afeto de insatisfação com as aulas usando a palavra "*boring*"(chata), a aluna achou importante me pedir desculpas, escrevendo "*sorry*" (desculpa). Mesmo com toda a liberdade de expressar seu afeto negativo com relação às aulas, parece-me que o pedido de desculpas é um ato de compromisso com os meus sentimentos. A aluna, além de estar preocupada com a qualidade da vida que temos, parece colocar em prática sua ética amorosa, expressando o cuidado com o outro que é, nas palavras de hooks (2021, p. 50), "uma dimensão do amor".

³ "Você recomenda as aulas de inglês?"

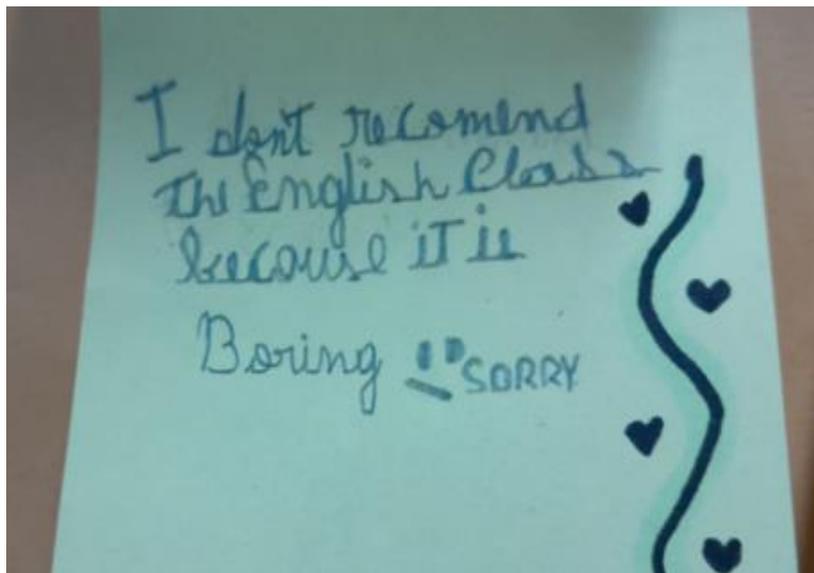


Imagem 3 Resposta da aluna: "I don't recommend the English class because it is boring. Sorry" (Eu não recomendo a aula de inglês porque é chata. Desculpa")

Tenho constatado que o contexto pedagógico é atravessado por questões carregadas de emoções. À vista disso, a segunda APPE surgiu quando, em uma turma de quinto ano, os alunos aparentavam estar entediados e não dispostos a participar da aula. Detectando a falta de entusiasmo e preocupada em entender o que estava acontecendo ali, resolvi propor uma APPE em que os estudantes deveriam desenhar *emojis* (ideogramas que transmitem uma ideia sobre como alguém está se sentindo) ao responderem à pergunta “How are you feeling today?”⁴. Sugeri a criação de um gráfico para agrupar os *emojis*, em colunas que expressassem os mesmos sentimentos, para então, analisar criticamente o resultado da atividade.

⁴ “Como você está se sentindo hoje?”

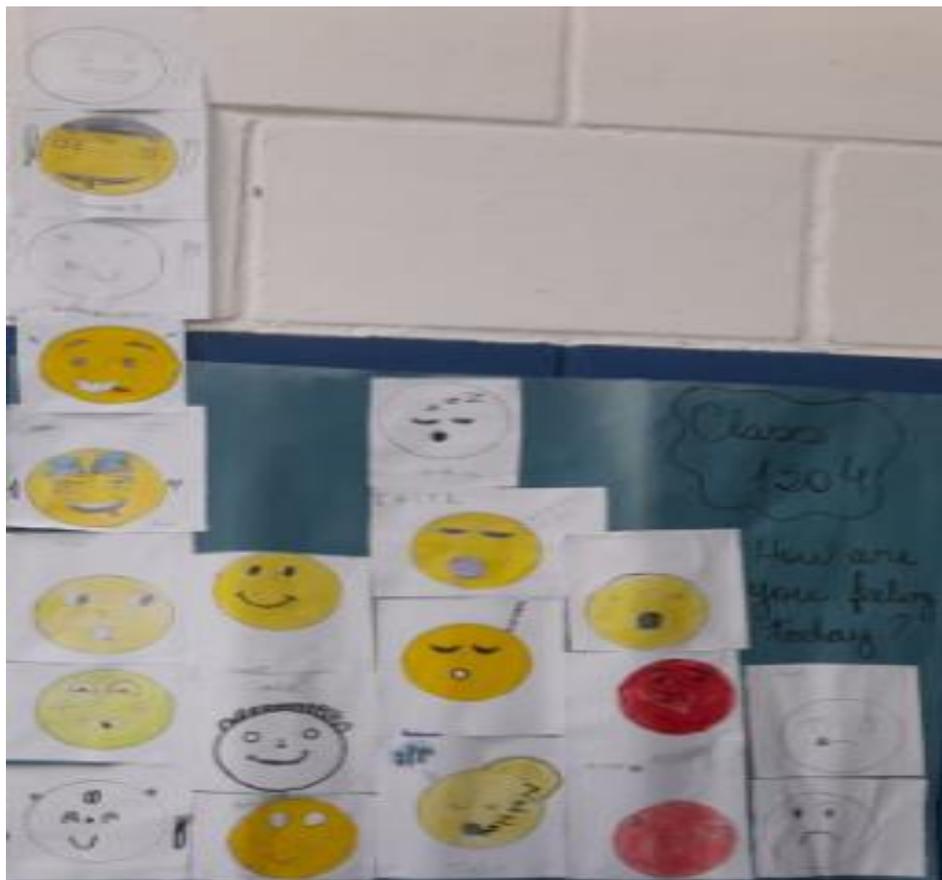


Imagem 4 Resultado do gráfico com as emoções dos alunos

Havia vinte alunos presentes na aula e, de acordo com o gráfico, na primeira coluna, oito estavam com fome (*hungry*), na segunda, três estavam felizes (*happy*), na terceira coluna, quatro alunos estavam com sono (*sleepy*), três estavam aborrecidos (*angry*), na quarta coluna e, na última coluna, dois se sentiam tristes (*sad*). Portanto, a atividade cumpriu um propósito que foi além do aspecto pedagógico. Ela serviu para que eu pudesse entender o motivo pelo qual a grande maioria dos alunos estavam apáticos durante a aula de inglês, pois estavam com fome, com sono, tristes e aborrecidos, o que evidencia o aspecto multidimensional da sala de inglês, onde existe uma “estreita relação de complementariedade entre o social, a afetividade e a cognição no contexto pedagógico” (Miller et al., 2008, p. 158).

Considero esta sala de inglês a manifestação de um ato de resistência, pois, ao agir em conjunto, com criatividade e com a colaboração dos alunos, trabalho para “transformar a sala de aula em um lugar de engajamento forte e aprendizado intenso” (hooks, 2020, p. 28). Experienciamos, nesta sala, o que Boler (1999) chama de pedagogia do desconforto que surge a partir da postura exploratória de questionar o que vivemos e de acolher o que sentimos, já que, segundo a autora, a pedagogia do desconforto é um chamado “tanto como um convite à investigação quanto como um apelo à ação”(1999, p. 176).

Quando, com o retorno presencial obrigatório pós-pandêmico, decidi ocupar uma sala que não estava sendo usada para que pudesse trabalhar com meus alunos e com minhas alunas com mais liberdade e mais criatividade, questionei uma prática já estabelecida nas escolas públicas, de que professores de inglês, que atuam nos anos iniciais, não devem ter sua própria sala. A conquista desse espaço e as vivências coconstruídas a partir de sua ocupação contribuem para o fortalecimento dos laços afetivos, cognitivos e sociais, presentes em nosso dia a dia. Ao vivenciarmos os princípios da Prática Exploratória, podemos experienciar como o trabalho para a união, presente em seus princípios, exige um compromisso com o outro. Todos são responsáveis pelo desenvolvimento de uma comunidade de aprendizagens e, por causa disso, oferecem contribuições construtivas para que possamos trabalhar juntos. Abaixo, está um desenho da sala de inglês feito por duas alunas do sexto ano. A riqueza dos detalhes evidencia cada cantinho que é compartilhado por todos os ocupantes desta sala.



Imagem 5 Sala de Inglês- desenho feito por duas alunas do sexto ano.

CARTA-EMOCIONADA DE THEO⁵: QUANDO O FAZER EXPLORATÓRIO AFETA AS PESSOAS

O Grupo da Prática Exploratória do Rio de Janeiro tem desenvolvido um trabalho em conjunto há cerca de trinta anos. Os princípios balizadores da Prática Exploratória surgiram e evoluíram a partir das reflexões tecidas por esse grupo, que é formado por uma diversidade de

⁵ Theo é nome fictício para preservar a identidade do participante.

vozes, em que os mais antigos acolhem os integrantes novatos e todos aprendem e se desenvolvem de forma contínua. Das trocas e da riqueza dessas interações nascem artigos, capítulos de livros, dissertações, teses e oficinas realizadas nacional e internacionalmente.

Considero-me uma praticante multiplicadora dos princípios da Prática Exploratória e procuro, em meu dia a dia, disseminar as minhas vivências. Os fazeres que meus alunos, minhas alunas e eu coconstruímos são temas de artigos acadêmicos e povoam as conversas que teço com meus familiares, meus amigos e meus colegas de trabalho. As conversas são fonte de inspiração e de reflexão que alimentam, ainda mais, a minha vontade de continuar vivendo meu cotidiano de forma exploratória.

Desde 2002, o Grupo da Prática Exploratória organiza um evento anual, cujo tema é definido por meio de discussões realizadas pelos membros do grupo, com vistas a criar seu próprio espaço de encontros e de aprendizagens. No Evento da Prática Exploratória, alunos e alunas, de diferentes escolas e de faixa etária diversa, têm a oportunidade de compartilhar seus entendimentos e a vida que vivem em seu contexto de atuação.

As ações do evento giram em torno da apresentação de pôsteres e de oficinas que são organizadas, principalmente, por alunos praticantes. Essas duas modalidades de apresentação são consideradas “meios mais produtivos de transmitir o trabalho e as ideias da PE, devido às suas possibilidades de explorar todos os tipos de interatividade e de gerar uma riqueza de oportunidades e de aprendizagem para todos” (Allwright; Hanks, 2009, p. 230). Estudantes preparam-se, em suas escolas e universidades, para conduzirem oficinas e para apresentarem seus pôsteres no evento, vivendo suas agentividades ao promoverem oportunidades de realçar suas idiossincrasias locais. Neste evento, o que as pessoas presentes testemunham é “a integração professor-aluno, ecoando os três princípios que se concentram na integração dos participantes” (Allwright; Hanks, 2009, p. 230). De acordo com Boler (2009), alunos e alunas deixam de ser expectadores, pois são praticantes do entendimento, do desenvolvimento mútuo e do envolvimento com os outros. Geralmente, as pessoas que participam do evento pela primeira vez são afetadas pelo que veem e pelo que vivenciam neste dia.

O Evento Anual da Prática Exploratória é um convite a viver a Prática Exploratória e toda sua ética amorosa de cuidado e de envolvimento com o outro, presente em seus princípios. Em vista disso, não é incomum que os participantes do evento sejam contagiados pelo “espírito” de amorosidade⁶, respeito e companheirismo que une os praticantes exploratórios.

⁶ Uso este termo, referindo-me à amorosidade freiriana, “que percorre toda sua obra e sua vida [e] se materializa no afeto como compromisso com o outro, que se faz em engravidado da solidariedade e da humildade” (Streck, et al., 2008).

Apresento, neste texto, uma carta escrita por Theo, coordenador pedagógico da escola em que trabalho. Chamo de carta-emocionada por perceber que as emoções, que pulsam e permeiam todo o texto, são materializadas pelas escolhas linguísticas feitas pelo coordenador.

Theo escreveu a carta após ter participado do 24º Evento Anual da Prática Exploratória na PUC-Rio, no ano de 2023, quando acompanhou, junto comigo, um grupo de quarenta e dois alunos. Nossa escola está situada em Guaratiba, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro, a cinquenta quilômetros de distância da PUC-Rio. Muitas crianças que foram ao evento nunca haviam “viajado” por tanto tempo e sequer conheciam outras partes da cidade.

Os estudantes do sexto ano e eu nos empenhamos na preparação da apresentação de pôsteres e da oficina, que foi lindamente apresentada por eles. Houve, durante a preparação para o evento, muito diálogo e colaboração de alunos-investigadores que, movidos pela sua criatividade, puderam mostrar as idiossincrasias da área em que vivem. Alunos-professores ensinaram, em inglês, um pouco da flora e da fauna de Guaratiba, de forma lúdica e envolvente aos presentes na oficina. Não estávamos em uma culminância de um projeto, estávamos extrapolando o que vivemos em nossas aulas, integrando, de acordo com um dos princípios da Prática Exploratória, nosso trabalho para o entendimento com as práticas da sala de aula e de outros ambientes profissionais e acadêmicos.



Imagem 6 Apresentação de pôsteres e oficina no 24º Encontro Anual de Prática Exploratória

Theo, com quem sempre converso sobre os fazeres, saberes e sentires que tecemos, aceitou a proposta de levarmos esse grupo de alunos à PUC-Rio. Embora estivesse a par do que faríamos, tenho conhecimento de que ele nunca leu sobre a Prática Exploratória. Apesar disso, ele pôde vivenciar, no dia do evento, o que é ser e o que sentem os praticantes exploratórios.

Compartilho com os leitores, a carta-emocionada de Theo, escrita após sua participação no 24º Encontro Anual da Prática Exploratória e a análise que faço, a partir das emoções construídas discursivamente pelo coordenador.

*O que é a Prática Exploratória para mim? Descoberta e inspiração. A última sexta-feira foi um dia muito especial e emocionante. Levar 42 crianças do extremo oeste da cidade para a zona sul sem recursos financeiros não é uma tarefa fácil, mas todo o esforço valeu a pena. O que nós ganhamos? Ouvi de um aluno de 13 anos, refugiado venezuelano e que vive de caridade e do que sua mãe consegue encontrar no lixo: “Vou continuar me esforçando e estudando muito. Essa foi a melhor viagem da minha vida”. Ganhamos perspectiva! A descoberta de que o mundo é maior do que a região em que moramos e que podemos muito mais do que fizemos ou pensamos até aqui. Digo isso no plural: ganhamos, fizemos, pensamos. Eu também ganhei. Uma criança me perguntou durante o dia – “Tio, qual é o melhor trabalho que existe?” Respondi sem hesitar – “É o meu trabalho”. Ele perguntou o porquê. Respondi que é porque tenho eles. Sou extremamente grato à professora Palmyra Baroni que me permitiu participar dessa experiência. Sou grato também à PUC Rio pelo fomento ao crescimento humano. Não é sobre ensinar conteúdos ou habilidades escolares. É sobre inspirar pessoas a ser melhores. Não melhores que os outros. Melhores do que pensavam ser possível. Escrevo essas palavras com lágrimas nos olhos. Olhos que agora olham para a frente.
Theo*

De acordo com Ochs e Schieffelin (*in* Alba-Juez; Mackenzie, 2019, p. 3), “o afeto permeia todo sistema linguístico. Quase todo aspecto do sistema linguístico que é variável é um candidato para expressar o afeto”. Percebo que a carta-emocionada de Theo está impregnada de expressões de afeto e, para buscar entendimentos sobre as emoções construídas discursivamente na carta, farei uso do arcabouço teórico proposto pela Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994; Halliday; Matthiessen, 2014), com foco no Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005).

Segundo Santos (2014), para a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), a língua é vista como um sistema de produção de significados e não apenas regulado por regras. A LSF “é uma abordagem ao estudo da linguagem que está centrada na noção de “função”; isso porque considera a gramática em termos de como ela é usada para produzir significados” (2014, p. 166). Os significados são realizados por escolhas linguísticas feitas de acordo com o contexto cultural, onde os gêneros são gerados, e o contexto situacional, que marca as variáveis de

registro de que o falante dispõe. Na produção e troca de significados, o contexto de situação é marcado por três metafunções que atuam de forma complementar: a metafunção ideacional, em que representamos nossa experiência de linguagem; a metafunção interpessoal, referente às atitudes que expressamos com a linguagem e aos papéis que representamos e a metafunção textual, que organiza as informações no texto.

A carta-emocionada de Theo está permeada de avaliações que constroem as emoções que ele sentiu ao participar do evento da Prática Exploratória. Em vista disso, volto meu olhar para a metafunção interpessoal, com base no Sistema de Avaliatividade, pois, de acordo com Almeida e Vian Jr. (2018, p. 276), este é um sistema discursivo, de “significados interpessoais; um recurso semântico usado para negociar emoções, julgamentos e avaliações”, além de focar “nos sentidos avaliativos construídos nos textos para expressão de julgamentos, sentimentos e emoções” (Almeida; Vian Jr., 2018, p. 288).

O Sistema de Avaliatividade é constituído por três subsistemas em que as avaliações podem ser feitas: atitude, engajamento e gradação. Segundo Nunes e Cabral (2013, p.20), “a atitude abrange as categorias afeto, julgamento e apreciação; o engajamento engloba enunciados monoglóssicos e heteroglóssicos; a gradação realiza-se mediante força e foco”.

Almeida (2010, p. 99) define a atitude como “responsável pela expressão linguística das avaliações positivas e negativas, que abrange três regiões semânticas: a emoção, a ética e a estética. A saber, avaliações de afeto, julgamento e apreciação”. Conforme Almeida (2010), o afeto pode ser marcado por avaliações positivas ou negativas e ser categorizado como de felicidade e de infelicidade, com emoções relacionadas aos sentimentos do coração como tristeza, felicidade e amor; de segurança ou de insegurança, que dizem respeito a emoções como ansiedade, confiança, paz com relação a pessoas ou a ambientes; e de satisfação e de insatisfação, que abrangem tédio, curiosidade, respeito, sentimentos de alcance ou de frustração. Considerando tais definições, analiso a carta-emocionada com enfoque no subsistema de atitude, já que, ao descrever sua participação no evento, o autor expressa suas emoções com avaliações de afeto, que são pautadas em sentimentos do que vivenciou durante o evento da Prática Exploratória.

Theo abre seu texto com o que considero uma pergunta-instigante-reflexiva, “O que é a Prática Exploratória para mim? Descoberta e inspiração”. Percebo que a pergunta e a resposta estão imbuídas de emoções de felicidade e de satisfação, pois, mesmo sem ter sido apresentado de maneira formal ao escopo teórico da Prática Exploratória, ele pode perceber/sentir o que ela representa. Acredito que os sentimentos promovidos pelo ambiente de segurança, de confiança

e de respeito entre os participantes tenham afetado positivamente o coordenador, que pode descobrir o comprometimento e a amorosidade compartilhada da Prática Exploratória e, assim, sentir-se inspirado por ela.

Ele considerou o evento como “especial e emocionante”, o que evidencia um afeto positivo de felicidade. E, mesmo descrevendo um cenário não-favorável à participação dos alunos no evento, em que afetos de insatisfação e de frustração são apontados como desafios pela grande quantidade de participantes (“42 crianças”), a significativa distância entre a escola das crianças e o local do evento (“extremo oeste da cidade para a zona sul”) e a falta de recursos (“sem recursos financeiros”), ele acredita que “todo esforço valeu a pena”, em um afeto de satisfação por ter superado obstáculos visíveis.

Ao perguntar “O que ganhamos?”, Theo não responde de forma direta. Ele inclui o que ouviu de um aluno “refugiado venezuelano e que vive de caridade e do que sua mãe consegue encontrar no lixo: “Vou continuar me esforçando e estudando muito. Essa foi a melhor viagem da minha vida” e responde, “Ganhamos perspectiva!”. Acredito que, ao escrever “ganhamos”, Theo esteja se referindo a ele próprio e ao aluno que, apesar de todas as dificuldades de sua vida, essa “viagem”, como se refere à ida ao evento, nutriu um sentimento de esperança que o faz desejar se esforçar e estudar mais. Percebo sentimentos de esperança, de alcance, de confiança e de segurança, quando o coordenador fala sobre o que a ampliação de perspectivas promove, em “A descoberta de que o mundo é maior do que a região em que moramos e que podemos muito mais do que fizemos ou pensamos até aqui”. Este trecho parece fortalecer sua definição de que a Prática Exploratória proporciona descoberta e inspiração.

Ao ser questionado por um outro aluno, durante o dia, sobre “qual é o melhor trabalho que existe?”, ele diz que seu trabalho é o melhor do mundo por causa dos alunos. Percebo que ele coloca a qualidade daquelas vidas em primeiro lugar e explicita todo seu afeto “pelo cuidado com o outro, pela receptividade e pela motivação” (Rodrigues, 2009, p. 56), que evidenciam sua “felicidade pedagógica” (2009, p. 14), que é tecida em sua relação com o outro, com os alunos da escola.

Os princípios da Prática Exploratória nasceram das práticas pedagógicas vividas por seus praticantes, por isso, é natural que estejam presentes na postura dos praticantes exploratórios e no ambiente em que os eventos são promovidos, pois buscam envolver todos em um ambiente acolhedor, sem distinção ou hierarquização. Sinto que Theo percebe e fortalece esse sentimento de coletividade e de união, ao escrever, “Digo isso no plural: ganhamos, fizemos, pensamos. Eu também ganhei”. A Prática Exploratória, com seus

princípios inclusivos, é revolucionária. Por isso, faço coro com Campos e Araújo (2022, p. 304), quando as autoras afirmam que “os processos genuinamente revolucionários se dão de maneira coletiva”.

O sentimento de gratidão transborda na escrita de Theo e constrói um afeto de felicidade em, “Sou extremamente grato à professora Palmyra Baroni que me permitiu participar dessa experiência”. Eu, como professora-praticante exploratória, sinto que, ao ser multiplicadora dos princípios da Prática Exploratória me conecto, a cada dia, com meus colegas de trabalho, por meio de conversas e de ações, o que contribui para transformar o ambiente de trabalho em um local de ética amorosa, de trocas afetivas, de cuidado e de comprometimento, estimulando o desenvolvimento e a valorização da colegialidade entre as pessoas.

A inspiração que Theo fala no começo de seu texto aparece, também, no final da carta, quando ele afirma que o que aprendeu e vivenciou “Não é sobre ensinar conteúdos ou habilidades escolares. É sobre inspirar pessoas a ser melhores. Não melhores que os outros. Melhores do que pensavam ser possível”. Percebo, nesse trecho, que os princípios da Prática Exploratória estão presentes, já que, o mais importante não é passar os conteúdos, mas colocar as qualidades das vidas em primeiro lugar, com todos trabalhando para entender o que acontece no ambiente escolar, fortalecendo sua união, na construção de seu desenvolvimento mútuo e contínuo.

Ao afirmar, no final de sua carta-emocionada, que “Escrevo essas palavras com lágrimas nos olhos. Olhos que agora olham para a frente”, Theo parece perceber que o trabalho de um praticante exploratório, além de emocionar, de promover descobertas e de inspirar, é contínuo e está em constante evolução. Os praticantes exploratórios estão sempre com olhos que “olham para frente”, com a fé que, segundo Campos e Araújo (2022, p. 309), “nos faz sonhar com uma educação que tenha o amor em práticas educativas cotidianas”. A Prática Exploratória é uma forma de materializar esse amor cotidiano.

TECENDO ENTENDIMENTOS MOMENTÂNEOS COM VISTAS AO FUTURO: O AMOR COMO AÇÃO

Início essa última seção como Theo encerra sua carta-emocionada, com os olhos voltados para frente, para o futuro. Um futuro em que o compromisso com o outro, presente na ética amorosa de bell hooks, e nos princípios da Prática Exploratória, seja vivido nas práticas das salas de aula. Um futuro que nos traga a fé nos alunos e nas alunas, como praticantes exploratórios, que têm a coragem de questionar, de duvidar, de tecer seus fazeres, seus saberes

e seus sentires, em uma acolhedora colcha de retalhos, promovendo um ambiente de crescimento mútuo e não de competição acirrada. Um futuro em que trabalhar, envolver e incluir sejam feitos com o outro e para o outro. Que o amor, que permeia os princípios da Prática Exploratória, seja encarado como ação (hooks, 2021) e esteja presente nas práticas cotidianas locais.

Vislumbro, ainda, um futuro que desperte o poder transformativo do amor com “atos voluntários de cuidado, de responsabilidade, de conhecimento” (Lana; Zembylas, 2004, p. 194). Em que “pensar o amor como prática educativa” (Campos; Araújo, 2022, p. 302) evidencie seu lado político, que visa ao bem de todos, a coletividade e o compromisso em manter a união de todos. Dessa forma, entendo os princípios da Prática Exploratória, como uma forma de nutrir o desenvolvimento mútuo de seus praticantes, ou seja, como uma forma de amor que está presente em minha sala de inglês e na carta-emocionada de Theo.

Para concluir meus breves entendimentos, momentâneos e futuros, com a esperança de que práticas amorosas façam parte do ambiente escolar, alinho-me a Barcelos, que resume as três benesses do amor na vida de professores e alunos,

primeiro, o amor é uma força extraordinária que pode nos impulsionar na direção de fazer mudanças. Em segundo lugar, o amor é importante para a saúde mental e o bem-estar dos alunos; o amor é necessário em um mundo que perdeu seu toque humano. Em terceiro e finalmente, o amor nos ajuda na educação dos cidadãos. (Barcelos, 2022, p. 27)

A ética amorosa presente nos Princípios da Prática Exploratória fortalece laços entre alunos e professores tornando a sala de aula um ambiente forte e acolhedor, em que todos crescem juntos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBA-JUEZ, L.; MACKENZIE, J. L. Emotion processes in discourse. In. ALBA-JUEZ, L.; MACKENZIE, J. L.; J. L (Orgs.). **Emotion in Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 3-27, 2019.

ALLWRIGHT, D. Prioritising the human quality of life in the language classroom: is it asking too much of beginning teachers?. In: GIL, G.; VIEIRA- ABRAHÃO, M.H. **Educação de professores de línguas: os desafios do formador**. Campinas: Pontes Editores, p. 127-144, 2008.

ALLWRIGHT, D.; HANKS, J. (Eds.) **The developing language learner: an introduction to exploratory practice**. Hampshire, United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2009.

NUNES, Palmyra Baroni. A ética amorosa presente nos princípios da Prática Exploratória: o amor como ação em nossa sala de inglês e em uma carta-emocionada. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.34, jan. 2025.

ALMEIDA, F. S. D. P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN, JR., O. et al. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Paulo, Pedro & João, p. 99-112, 2010.

ALMEIDA, F.; VIAN JR, O. **Estudos em avaliatividade no Brasil: panorama 2005- 2017**. Signótica, v. 30, n. 2, p. 273-295, 24 abr. 2018.

BARCELOS, A. N. Estudando o Conceito do Amor na Educação Linguística: uma Revisão dos Estudos Dentro da Abordagem Crítica. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 24-35, ago. 2022.

BARRETO et al. Atividades pedagógicas com potencial exploratório: caminhos para a coconstrução de entendimentos. In :Andrade et al (orgs). **Professores de línguas em foco: ensino-aprendizagem de línguas parceria universidade-escola, estágio (2019):** Brasília; Teresina: EDUFPI.

CAMPOS, M. ; ARAÚJO, D. O amor como prática educativa revolucionária: O compromisso com uma docência amorosa. **Abatirá - Revista de ciências humanas e linguagens**. V3. n.5. 2022. p. 301- 315.

GARCIA, A.; OLIVEIRA, I.B. Fazendopensando praticasteorias educativas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, A.; OLIVEIRA, I.B. (orgs.). **Nilda Alves: Praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 13-35, 2015.

GRIFFO, M. R. A. **Praticante exploratórios aprendendo a viver juntos na escola**. 2019. 193 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2019.

GRUPO DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA. **Por que trabalhar para entender a vida em sala de aula?:** histórias do grupo da Prática Exploratória. Rio de Janeiro, digital, 2020.

HALLIDAY, M, A. K.; MATTHIESSEN, C. **An Introduction to Functional Grammar**. 4th ed. London, New York: Arnold, 2014.

hooks, b. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

LANAS, M.; ZEMBYLAS, M. Towards a Transformational Political Concept of Love in Critical Education. **Studies in Philosophy and Education**.34(1), 2014. p. 31-34.

LEAL, H. M. Amor e educação libertadores em bell hooks. **Kalagatos**,[S. l.], v. 19,n. 1, p. eK22014, 2022.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. **The Language of Evaluation: Appraisal in English**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MILLER, I. K. de et al. Prática Exploratória: questões e desafios. In: GIL, G.; VIEIRA-ARAHÃO, M.H. **Educação de professores de línguas: os desafios do formador**. Campinas: Pontes Editores, p. 145-165, 2008

NUNES, Palmyra Baroni. A ética amorosa presente nos princípios da Prática Exploratória: o amor como ação em nossa sala de inglês e em uma carta-emocionada. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.34, jan. 2025.

MOURA, S. M. L. Parangolelizando entendimentos: agentividade e enquadres em um evento exploratório. In: **Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares**, v. 22 n. 1, 2018.

NUNES, G. G.; CABRAL, S. R. S. Avaliatividade e julgamento: uma análise de texto. **Nonada: Letras em Revista**, v. 1, n. 20, 2013.

RODRIGUES, R. M. “Por que somos felizes nas aulas de inglês da turma 1701?” **Alunos e professora buscando entender a qualidade de vida que vivenciam na sala de aula**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, Z. B. A Linguística Sistêmico – Funcional: algumas considerações. **Soletras Revista**. Rio de Janeiro: UERJ. v. 28, p.164 – 181. 2014.

STRECK, D., REDIN, E. D. Et Zitzoski, J.J. (org). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

A AUTORA

Palmyra Baroni Nunes é graduada em Letras (Inglês-Literaturas) pela UERJ, especialista em Língua Inglesa e em Literatura Infantil e Juvenil pela UCAM, mestre em Linguística Aplicada pela UFF e doutoranda em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. É autora e coautora de livros e tem artigos publicados nas áreas de Linguística e de Educação. É professora da SME-RJ desde 1995. Atualmente, atua como professora de inglês dos anos iniciais e do Peja.

E-mail: palmyra.baroni@yahoo.com.br